

Mostra "Francisco Seibel: um fotógrafo rural do Espírito Santo", em cartaz até 5 de outubro, em

RETRATOS DO ESPÍRITO POMERANO

PESQUISADOR RECUPERA MATERIAL FOTOGRÁFICO RARO, QUE REGISTRA A VIDA RURAL NO ESTADO ENTRE 1930 E 1960

A mostra itinerante "Francisco Seibel: um fotógrafo rural do Espírito Santo", em cartaz até 5 de outubro, na sala Levino Fanzeres, em Cachoeiro de Itapemirim, visa efetivar um encontro especial da população capixaba com um conjunto de fotografias que se constitui no maior acervo iconográfico em negativos de vidro do Espírito Santo. São cerca de quatro mil peças produzidas entre os anos de 1930 e 1960, e que têm no seu conteúdo uma temática diretamente ligada à identidade cultural do Estado: a cultura rural pomerana e suas tradições.

O que marca o conjunto fotográfico que se mostra ao público capixaba é o fato de ter sido produzido por um fotógrafo rural pertencente à própria comunidade. Nesse sentido, as imagens realizadas por Seibel têm uma singular importância por terem sido realizadas não a partir da percepção de alguém de fora da comunidade, mas sim por um fotógrafo pertencente ao mesmo universo sociocultural dos fotografados. Suas fotografias apresentam uma realidade rural própria

da cultura pomerana da qual tanto o fotografado quanto o fotógrafo são intimamente ligados, existindo uma comunicação fluida e sustentada na confiança mútua entre ambos, que se veem como iguais.

A originalidade das fotografias de Seibel está justamente centrada na identificação que tinha este fotógrafo com a sua comunidade. O que tinham em comum fotógrafo e fotografados, e que os unia, eram as mesmas origens sociais, o que proporcionou um encontro de olhares conhecidos e cúmplices.

A mostra itinerante abre as portas para a visualização de uma seleção de fotografias que documentam parte da história da comunidade pomerana no Espírito Santo, imortalizando situações e momentos que estiveram constantemente repetidos dentro desta cultura por diversas décadas. Trata-se de um conjunto de imagens que tem sua origem na atividade de um fotógrafo que por mais de três décadas teve a responsabilidade de atender à demanda das pessoas da região e dos lugarejos de onde vivia, recompondo para estes a afetividade e a história familiar, através do registro fotográfico de casamentos,

obituários e retratos. São imagens que ainda hoje se encontram guardadas, às vezes como relíquias preciosas, ou povoando e decorando as paredes dos lares pomeranos.

A mostra aponta que é no universo da realidade dos imigrantes que vieram para o Estado, e nas relações e na criação de sentidos que estes deram e tiveram com a imagem fotográfica, que se inicia uma importante parte daquela que, ainda em construção, vem a ser a história da fotografia no Espírito Santo. Esse encontro da imigração com a fotografia no Espírito Santo resultou no fato de que, hoje, existem importantes documentos imagéticos de inegável importância como instrumento de memória, de dados e de fatos históricos.

Nessa perspectiva, o acervo fotográfico produzido por Francisco Seibel é um dos elos que conectam a história da fotografia local ao universo da tradição rural originada pelos imigrantes em nosso Estado. Seus vastos registros colaboram para a construção de um aspecto peculiar na história da fotografia no Espírito Santo em relação aos outros Estados: a presença de fotógrafos em áreas ru-

rais que nos deixaram uma importante iconografia, tanto do século XIX como do século XX.

Urbanidade

Para melhor compreendermos a importância desse acontecimento no Espírito Santo devemos considerar alguns fatores históricos relacionados ao desenvolvimento da fotografia. Desde o momento em que a fotografia foi apresentada à sociedade do século XIX, na Europa, e também depois de cruzar os mares até os mais diferentes países, ela esteve estreitamente ligada a uma nova ideia de urbanidade pela qual passavam as cidades.

A fotografia está presente na história das cidades modernas assim como a cidade está presente na história da fotografia, pelo fato de a cidade ser um dos principais temas dos quais se ocuparam os fotógrafos, seja pelo registro de seus monumentos, seja por suas edificações modernas, seus projetos de praças e ruas. A maioria das fotografias do século XIX e também do início do século XX tem alguma relação com essa nova urbanidade. Não é por acaso que, por

por PAULO DE BARROS

em Cachoeiro de Itapemirim, representa o maior acervo iconográfico em negativos de vidro do Estado

FRANCISCO SEIBEL



Casal pomerano com os serventes - ou garçons -, que têm destacada função na organização do casamento, e o tocador de concertina, sentado junto aos noivos

Exemplo, no Brasil, os principais fotógrafos e os acervos sejam do século XIX ou do início do século XX e tenham a cidade como tema, como é o caso de Militão Rodrigues, com São Paulo, e Marc Ferrez e Augusto Malta com a cidade do Rio de Janeiro.

É justamente essa relação com a urbanidade, presente na fotografia desde a sua origem, que vai marcar de alguma forma a ausência, ou a rara presença de registros fotográficos de caráter rural nos grandes acervos de instituições públicas e privadas. Outro fator que vai influenciar nessa pouca produção de fotografias sobre o mundo rural diz respeito ao processo de expansão do ofício do fotógrafo, que vai se de-

envolver e encontrar nas cidades o seu principal mercado consumidor.

Esse processo de expansão às diversas regiões e lugares, e consequentemente o acesso a ela por todas as classes, principalmente aquelas que se encontravam em regiões fora das grandes cidades, no interior do país, com suas vilas e povoados, se deu de forma muito mais tardia e lenta. Podemos perceber isso tanto pelo reduzido número de acervos catalogados, que nos ajudam com algumas luzes para perceber este lento processo, quanto pela ausência de trabalhos científicos que analisam os poucos acervos sobre o tema. O que contribui para a escassez de informações e também do conhecimento dos materiais imagéticos sobre a realidade rural do Brasil, do período

oitocentista ou do início do século XX.

O Espírito Santo vive um caso particular nesse universo da fotografia rural, pois os fotógrafos que produziram essas imagens viveram e trabalhavam nesse espaço, como são os casos de Albert Richard Dietze, Emílio Schultz e Erwin Kerckhoff, entre outros. Não se trata de fotógrafos que realizaram incursões e viagens ao interior para atender aos possíveis clientes.

Pioneiro

Essa particularidade ocorre primeiro pela presença do fotógrafo Albert Richard Dietze, considerado o pioneiro da fotografia de paisagem no Brasil, que produz no Espírito Santo

um dos principais acervos fotográficos do século XIX. Seu conteúdo leva um profundo caráter rural, pois suas fotografias registraram, na então colônia de Santa Leopoldina, aspectos da vida dos imigrantes que permitem visualizar um pouco da realidade que os cercava, das suas propriedades e moradias rurais.

Graças à presença de Dietze, o Espírito Santo teve no início da história da sua fotografia, ainda no século XIX, diferentemente de outras capitais, a peculiaridade de possuir um fotógrafo com um importante papel na história da fotografia nacional e que registrou aspectos do cotidiano no interior do Estado, em uma área rural, onde ele viveu e produziu boa parte de sua iconografia.